

“Como eu realmente...”: a escritura do diário em forma de quadrinhos



Cláudia Pereira¹
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio
Miguel Mendes²
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

Resumo: Tem por objetivo refletir sobre o caráter autobiográfico e confessional de algumas tiras em quadrinhos divulgadas via canais da internet por artistas que trazem para o seu trabalho temas que são aqui identificados como pertinentes às culturas juvenis. Para tanto, a obra da artista Cora Ottoni é tomada como objeto de análise. Tais obras são associadas, de um lado, à tradição do movimento romântico na literatura e nos quadrinhos e, de outro, à ética de exposição/proteção da vida privada em vigência entre jovens.

Palavras-chave: culturas juvenis; diários; tiras em quadrinhos; sketchbook; Cora Ottoni.

Abstract: It aims to reflect on the autobiographical and confessional character of some comic strips distributed via internet channels by artists who bring to their work themes that are identified here as relevant to youth cultures. For this, the work of the artist Cora Ottoni is taken as an object of analysis. These works are associated, on the one hand, with the tradition of the romanticist movement in literature and comics and, on the other, with the ethics of exposure / protection of private life in effect among young people.

Keywords: youth cultures; diaries; comic strips; sketchbook; Cora Ottoni.

Introdução

O movimento romântico, que instaurou o “eu” como pivô da criação artística, tem mais de dois séculos de influência sobre as artes narrativas. Entre as narrativas, histórias em quadrinhos autobiográficas já são consideradas “clássicas” no gênero, tais como *American Splendor* (1976) de Harvey Pekar, *Persépolis* (2000) de Marjane Satrapi e *Retalhos* (2005) de Craig Thompson. Na atualidade, outro formato narrativo está embaralhando publicidade e intimidade: as tiras em quadrinhos. Séries de quadrinhos distribuídas pelas redes sociais da internet

têm, como personagem principal, a representação de seus jovens autores e, como temas, seu cotidiano e seus dilemas existenciais.

A ideia de “cultura juvenil” (PAIS, 1993; CLARKE ET AL., 2006; HODKINSON, 2007) busca reunir, conceitualmente, experiências, práticas, valores e materialidades que demarcam o que é “adulto” daquilo que “não é adulto”. Os diários íntimos são, pode-se assumir, uma experiência, uma prática, um valor e uma materialidade que caracterizam determinadas culturas juvenis (CUNHA, 2007), considerando-se aí todas as suas

1. Doutora (2008) e Mestre (2003) em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - IFCS/ UFRJ. Professora Adjunta e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio, concentra suas pesquisas nos estudos das representações sociais da juventude na mídia, especialmente na publicidade, e suas relações com questões relacionadas a subculturas e cultura material. Email: claudiapereira@puc-rio.br

2. Doutorando em Comunicação Social (PUC-Rio). Trabalha na área editorial e de artes gráficas, principalmente cartilhas de campanhas públicas, livros paradidáticos, histórias em quadrinhos e literatura infanto-juvenil. Pesquisa produção e cultura das mídias; publicações ilustradas brasileiras e publicações em quadrinhos. Email: migmdendes@terra.com.br

3. Não à toa, para as discussões propostas no presente artigo, “sinceridade” e “autenticidade” são valores que permeiam, cada vez mais, as culturas juvenis contemporâneas e que vêm pautando narrativas em publicações online a offline para a promoção de marcas e bens de consumo, junto a um público adolescente e juvenil. (FREIRE FILHO, 2006).

formas em diferentes contextos. Do mesmo modo, a construção de significados bastante próprios através do lema “do it yourself”, bastante associado à subcultura punk dos anos 1970 (HEBDIDGE, 2008), mas que se estende para outras formas de expressão na música, na moda, nos esportes, entre outros campos, também está presente na produção de tais séries de quadrinhos para a ocupação de um determinado espaço midiático por meio da exposição de intimidade desejada por um grupo juvenil.

O objetivo deste artigo é explorar tais relações e investigar até que ponto a produção de quadrinhos assume a função dos diários íntimos e até que ponto pode ser explicada pelo fenômeno da nova divisão entre público, privado e íntimo na cultura dos jovens adultos (WINOCUR, 2011). Para tanto, foram entrevistados três autores, coletadas declarações públicas e analisadas algumas de suas obras. A partir desta primeira pesquisa exploratória, a análise se concentrará nas tiras de Cora Ottoni, publicadas nas redes Facebook e Instagram no período de outubro de 2016 até junho de 2017, sendo depois publicadas pela autora num livro independente lançado em dezembro de 2017.

1 - O “eu” como personagem de quadrinhos

Entre as características do movimento artístico romântico que promovia ruptura com a tradição literária vigente estava a posição de abandonar regras formais de escrita poética, a negação do estado de coisas do mundo e a valorização do sujeito, ou do “eu” do autor. Segundo Alfredo Bosi, numa descrição canônica:

O fulcro da visão romântica do mundo é o sujeito. [...] O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão. [...] A natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcade, decorativa. Ela significa e revela. Prefere a noite ao dia, pois à luz crua do sol do real impõe-se ao indivíduo, mas é na treva

que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação (BOSI, 2006, P.93)

A influência dos românticos, renovada pelos modernistas, se estende até hoje sobre todo criador artístico. O filósofo Isaiah Berlin sustenta que “um novo conjunto de virtudes apareceu com o movimento romântico”. Começou a ser propagado que “uma vez que devemos ser livres, e uma vez que temos de ser nós mesmos ao máximo grau possível, a grande virtude – a maior virtude de todas – é o que os existencialistas chamam de autenticidade e os românticos chamavam de sinceridade” (BERLIN, 2015, p.207)³, Uma das consequências é a experimentação de formas muito imaginativas de “significar e revelar” o eu na obra; entre elas, a escrita autobiográfica do autor.

Os quadrinhos *underground* norte-americanos parecem ter sido o berço dos quadrinhos autobiográficos. Art Spiegelman, designer nova-iorquino, criou a primeira obra em quadrinhos agraciada com um prêmio Pulitzer, *Maus* (1986), novela gráfica que conta as desventuras do pai de Art nos campos de concentração alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Na história, toda a família do autor, além delei mesmo e de sua esposa, são personagens representados como ratos antropomorfizados.

Em relação à representação de si na obra, isso ainda é pouco, comparado com a carreira artística de Harvey Pekar (1939-2010), autor da revista independente *American Splendor*. O historiador Joseph Witek descreve muito bem o incomum desse título de quadrinhos:

Em cada *American Splendor* publicado e distribuído anualmente desde 1976 pelo próprio Pekar, ele escreve histórias sobre sua própria vida cotidiana, retrata episódios anedóticos e conversações que teve ou ouviu por sobre o ombro, dramatiza cenas do seu trabalho

no Serviço Civil de Cleveland e apresenta ruminções quase sempre mal-humoradas sobre sua carreira e vida em geral (WITEK, 1989, p. 121, tradução nossa).⁴

Ao longo dos anos, segundo Witek, Harvey Pekar se inseriu nas histórias com cada vez mais desenvoltura. Com a parceria de vários desenhistas – entre os quais, o mais famoso era seu conterrâneo Robert Crumb – o autor pôde se ver caricaturado em tons realistas (nem mais feio, nem mais bonito do que era; nem mais, nem menos careca). O mesmo Robert Crumb usou de inserções autobiográficas cômicas em muitos de seus próprios quadrinhos.

Enquanto a obra de Art Spiegelman inspirou diversas novelas gráficas de cunho histórico e autobiográfico, como *Persépolis* (2000), da iraniana Marjane Satrapi, os quadrinhos de Pekar e Crumb continuaram inspirando desenhistas de humor. De fato, não é novidade um desenhista de humor se autorretratar nas tiras cômicas.

Em relação a obras dramáticas, uma referência é a premiada novela gráfica *Retalhos* (2005), do americano Craig Thompson. A obra se constitui de 582 páginas em quadrinhos em preto e branco contando a própria história do desenhista, da infância até a vida adulta, lutando contra as dúvidas existenciais causadas por uma rígida formação religiosa e desabrochando num romance adolescente, representado com sensíveis e detalhadas sequências de amor. E os momentos de vergonha, na infância, não foram poupados de representação.

Talvez o campo dos quadrinhos tenha acolhido a vanguarda de uma tendência identificada na literatura do início do século XXI. Trata-se da presença problemática da primeira pessoa autobiográfica e a opção artística por praticar a chamada autoficção, ou seja, relatar uma história pessoal que é em todo ou em parte, inventada. Pesquisadores desse campo debatem se isso tem relação com características da “pós-modernidade”:

a exaltação do indivíduo, a visibilidade do privado e a espetacularização da intimidade. Segundo Luciene Almeida de Azevedo (2008), a literatura contemporânea, especialmente a mais jovem, publicada na rede, seguia estratégia de tornar difusas as fronteiras entre o real e o ficcional, a fim de reinstalar o autor na obra de maneira reformada. O problema é que tais autores escondiam-se atrás de “performances” que evocavam e depois escamoteavam sua intimidade. Diana Klinger (2008) aponta um paradoxo entre o desejo narcisista de “falar de si” e o reconhecimento de que, na arte, é impossível exprimir uma verdade absoluta. Segundo ela, a autoficção é tida como saída para reinstalar o autor na obra num contexto em que são questionadas a autoria e a representação. Parece ser o caso de Harvey Pekar, que chegou a representar em quadrinhos uma entrevista que realmente deu no programa de TV “David Letterman”, sobre suas obras autobiográficas.⁵

Revistas e livros em quadrinhos podem necessitar do bom trânsito dos autores no mercado para serem editados. As tiras, porém, são material mais fácil de produzir e publicar, abrindo espaço para jovens desenhistas. Para efeito de análise, buscamos, na produção artística de quadrinistas brasileiros, relações com o que aqui chamamos de “culturas juvenis”.

2 - Tiras autobiográficas brasileiras (2007–2017)

Dentro de um número incalculável de publicações, descrevemos aqui algumas que ajudam a exemplificar o caráter autobiográfico dos quadrinhos de uma geração de artistas brasileiros que pode ser considerada “jovem”, muito mais pelas temáticas escolhidas e por um dado “estilo de vida” juvenil do que, rigorosamente, por sua idade.

Will Leite (31 anos em 2017), cartunista, autor do blog willtirando.com.br desde 2007, divide suas tiras em categorias que são classificadas em relação

4. In each *American Splendor*, published and distributed annually since 1976 by Pekar himself, Pekar writes stories about his own daily life, depicts anecdotes and conversations he has heard and overheard, dramatizes vignettes from his civil-service job in Cleveland, and presents his often glum ruminations about his career and his life in general.

5. Harvey Pekar foi entrevistado no *Late Night with David Letterman* em 15 de outubro de 1986 e publicou a história em quadrinhos em sua revista *American Splendor*. 12, em 1987 (WITEK, 1989, p. 144).

6. <http://www.willtirando.com.br/quem-e-esse-will/>. Acesso em: 30 maio 2017.

7. <http://hqmix.com.br/blog/noticias/os-melhores-de-2015-trofeu-hqmix/> . Acesso: 29 ago. 2018.

ao personagem principal. Uma delas é a categoria Pior Namorado, na qual ele, Will, é representado como cartunista/blogueiro num relacionamento com a namorada Bonita. São cenas e diálogos domésticos que podem ter origem em fatos e comentários do cotidiano do casal, mas que também podem ser apenas imaginados pelo autor. Segundo ele, “neste universo relata-se – com exagero, claro – parte da minha rotina descontraída junto da minha namorada (hoje esposa)”⁶. É frequente a

autodepreciação, especialmente nas tiras em que o personagem Will comprova como é um mau namorado (desastrado, inseguro, fracassado) e nas tiras em que ele exibe seu fracasso como cartunista de humor. Na vida real, Will Leite é um dos autores de tiras mais populares da rede e nos eventos de quadrinhos, apesar de isso não representar grande sucesso comercial no contexto do mercado editorial. O blog foi premiado com o troféu HQ Mix, como melhor webtira do ano de 2014.⁷



Figura 1 – Tira de Will Leite
Fonte: willtirando.com.br

8. Fernanda Nia respondeu a dez perguntas feitas por Miguel Mendes por e-mail em 26 de maio de 2017.

No exemplo da Figura 1, pode-se imaginar que o diálogo realmente aconteceu entre o cartunista e sua mulher. Porém, lendo os comentários da postagem, vamos saber que é uma anedota pré-existente que foi adaptada para a realidade ficcional da tira. Parece que o autor não se autodeprecia com intenção de clamar por simpatia, mas para ridicularizar o ser humano como categoria, no caminho inverso do silogismo: todo ser humano é ridículo; o cartunista é um ser humano, portanto, é ridículo.

Fernanda Nia (27 anos em 2017) é autora da webtira “Como eu realmente...” desde 2011. O modelo de seu humor é comparar o ideal (e íntimo) com o real: no primeiro quadro, a personagem Niazinha, representante da autora, encara uma situação cotidiana, normalmente entre amigos, familiares e pets, como ela “gostaria” que fosse; no segundo quadro, a mesma situação como ela “realmente” acaba sendo.

Na Figura 2, eis uma tira desviante do modelo, ainda que mantenha a lógica do contraste entre íntimo e realidade: para o exterior, Niazinha é uma estudante cumprindo seu dever (provas); no íntimo, ela, com prazer, descarta os conhecimentos – pratica um tipo de desacato ao sistema.

Em entrevista por e-mail⁸, Fernanda Nia explica que “a Niazinha sou eu, assim como a Niazinha é muitas pessoas”, uma vez que, mesmo quando ela coloca a personagem em “experiências extremamente pessoais”, há leitores que se identificam. Assim, Niazinha seria “uma representação coletiva”. A autora se preocupa em distanciar-se da personagem e diz que, hoje, “não teria colocado o nome dela de Niazinha”, mas que essa não é uma preocupação com exposição pessoal, porque o nível de exposição já é bem controlado. Ela gostaria que a menina se tornasse “um personagem atemporal”, que

pode “representar pessoas em um âmbito geral, sem estar atrelada a minha idade ou momento de vida”. Perguntada sobre a motivação para iniciar a tira, Fernanda respondeu que foi “necessidade de criar e contar histórias, aliada a uma vontade de praticar o ato da criação (tanto escrita quanto desenho)” e divulgar seu talento profissional. É uma motivação subjetiva, característica dos artistas, mas não é uma vontade de exteriorizar intimidades. A opção de usar a realidade cotidiana para criar, no entanto, pode ser um traço geracional. Perguntada se gosta quando o autor conta seu próprio cotidiano, Fernanda respondeu que sim, gosta de outras tiras, como as de Will Leite, Ricardo Tokumoto e Wesley Samp, “especialmente das que eles falam sobre si mesmos”.

Sirlanney (33 anos em 2017), artista plástica e quadrinista, publica a série “Magra de Ruim” na rede⁹ e em publicações independentes. A série é assumidamente autobiográfica e evidentemente íntima. O que a autora mais costuma representar em seus quadrinhos de formato livre são figuras femininas jovens em trajes confortáveis, ou mesmo nuas. A maioria dos textos é um desabafo ou devaneio, além de memórias.



Figura 2 – Tira de Fernanda Nia
Fonte: blog comoeuralmente.com



Figuras 3 e 4 - Tiras de Sirlanney, publicadas em 20 de abril e 19 de maio de 2017
Fonte: <https://www.facebook.com/sirlanneynogueira/>

9. <https://www.facebook.com/sirlanneynogueira/>



Figura 5 – Página de quadrinhos de Reno
 Fonte: Postagem de 6 de outubro de 2016
<https://www.facebook.com/LinhasTremidas/>



Figura 6 – Página de quadrinhos de Reno
 Fonte: Postagem de 2 de fevereiro de 2017
<https://www.facebook.com/LinhasTremidas/>

10. Disponível em <http://ladyscomics.com.br/entrevista-sirlanney-magra-deruim>. Acesso em: 30/05/2017.

Em entrevista ao site especializado em quadrinistas mulheres Lady's Comics¹⁰, Sirlanney responde se considera seus quadrinhos autobiográficos e detalha como é se colocar neles como protagonista:

Eu tenho essa personagem e coloco minhas roupas nela, meu corte de

cabelo, minhas experiências, etc. Às vezes não tem personagem nenhuma, outras vezes a personagem é outra. Por mais que seja uma caricatura minha, aquilo representa o pensamento de um momento, no momento seguinte eu posso ter mudado de ideia, mas o pensamento fica preso para sempre no quadrinho, portanto não posso dizer que sou eu completamente. Mas, a grosso modo, é.

A resposta evidencia que a criação das tiras tem por base o registro de pensamentos existenciais e, portanto, fugazes. A artista afirma também que começou a desenhar quadrinhos em 2008, quando descobriu, trabalhando numa livraria (e já uma “escritora promissora”, com ironia), os quadrinhos autorais do brasileiro Allan Sieber e *Persépolis*, a biografia em quadrinhos de Marjane Satrapi, uma artista que cresceu durante a guerra Irã-Iraque. A leitura provocou a vontade de expressar em desenhos o que ela tinha pra contar de sua própria vida.

A aproximação de Sirlanney com a questão feminista revive a relação dos diários com a construção da feminilidade moderna, quando a prática era um raro espaço de expressão das escritoras e, mais ainda, com a importância dos blogs do fim do século XX, quando mulheres descobriram que escrever um diário pode ser uma atividade gregária, de troca entre iguais e desenvolvimento de uma cultura em comum. Tais cenários foram destacados por um estudo de Maria Teresa Santos Cunha (2007) sobre diários íntimos de jovens mulheres.

Reno (22 anos em 2017), artista plástico e quadrinista, faz o blog “Linhas Tremidas” desde 2013. Suas postagens variam na forma. Podem ser ilustrações livres, ilustrações com texto poético ou sequências de quadrinhos do cotidiano, mas sempre expressam pensamentos do autor/narrador/personagem em torno de

filosofia e psicologia. Costumam ser em preto e branco. Sempre autorais, muitas vezes assumem caráter autobiográfico, quando o autor se desenha na história e o personagem reflete sobre a existência ou sobre sua trajetória.

Em entrevista por e-mail¹¹, Reno conta que sua motivação para fazer quadrinhos sempre foi se “expressar, colocar pensamentos e sentimentos pra fora” e que sempre viu sua produção “como uma espécie de terapia”, ou “uma forma muito útil de obter autoconhecimento”, mas também um método para se distanciar de si mesmo. Assim, a necessidade de “se desenhar” nos quadrinhos veio da constatação de que “é muito difícil chegar em uma conversa realmente sincera com alguém, ou por insegurança ou pelo fato de que ninguém parece ter saco pra prestar atenção, o que é normal”. O personagem é uma pequena parte do autor, mais íntima, “que não encontra expressão no dia-a-dia”. No papel e, depois, na postagem, o personagem pode lançar sua inquietação no mundo e, por vezes, tem resposta. Segundo o autor, “às vezes escrevo coisas que me parecem ser tão particulares que duvido muito que alguém vá chegar a compreender, e já me surpreendi várias vezes com a resposta do público, com tantas pessoas se identificando [...]”. Nenhuma preocupação com a exposição pessoal na rede, no entanto, como ele diz:

Quando publico algum trabalho sinto que estou falando sozinho, é como se fosse uma conversa comigo mesmo no meu quarto, que é onde geralmente produzo. E realmente tenho esse hábito de falar comigo mesmo, em voz alta, e nunca é algo intencional. Eu converso comigo mesmo sobre tudo: Deus, política, sexo, filosofia, etc. As palavras escorrem da minha boca, contra minha vontade. Sinto que as coisas que escrevo são apenas essas palavras que escorreram que eu organizo para serem mais compreensíveis.

A organização do pensamento por meio do exercício da escrita é um

dos benefícios alegados pelos defensores do diário íntimo, como se o exercício da escrita de si fosse, cumulativamente, formando uma memória autobiográfica. Philippe Artières, estudando o caso de um prisioneiro escritor de diários, demonstra que, ao passo em que o autor revisa suas anotações, vai construindo uma narrativa biográfica cada vez mais definida que pressupõe explicações para seu destino: “o relato permite que a pessoa construa uma identidade para si” (ARTIÈRES, 1998, p.31).

Na perspectiva do autoconhecimento, os temas do cotidiano ganham profundidade. Segundo Reno, é bom quando o autor enxerga profundidade e beleza em pequenas coisas banais, “como a sensação das ruas desertas, de lugares abandonados e cantos esquecidos que a gente cruza na cidade”, mas não quando reduz a vida cotidiana “ao invés de mostrar quão grande o dia-a-dia é”.

Preferimos situar os quatro exemplos de autores descritos acima num continuum que vai desde obras em que o artista cria um personagem baseado em si mesmo, mas mantém sua própria biografia à distância, até aqueles quadrinhos que servem, periodicamente, para o autor expressar suas inquietações interiores, revelar anseios e passar as memórias a limpo. Não há fronteiras claras entre uma proposta e outra. Os próprios autores se movem de um lado para o outro dessa escala.

Para formar uma visão mais detalhada dos quadrinhos autobiográficos brasileiros, foram analisadas 84 postagens de uma jovem autora, Cora Ottoni.

3 - Uma tira que “faz bem” à autora: Cora Ottoni

Quando fez a postagem da Figura 7, Cora Ottoni, designer e quadrinista carioca (25 anos em 2017), queria brincar com a questão da representação de si nas tiras. Deveria haver uma clara distinção entre a tira cômica e a vida real, mas “a Cora da vida real não ajuda...”. Afinal, até que ponto

11. Renato Silva (Reno) respondeu a dez perguntas feitas por Miguel Mendes por e-mail em 28 de maio de 2017.



Figura 7 - Tira publicada em 7/05/2017 na página de Cora Ottoni no Facebook.
Fonte: <https://www.facebook.com/ottonicora/>



Figura 8 - Tira postada dia 4 de outubro de 2016 no Facebook durante o Inktober.
A foto inclui os pincéis e a tinta utilizados.
Fonte: <https://www.facebook.com/ottonicora/>

12. Cora Ottoni foi entrevistada por telefone por Miguel Mendes em 24/05/2017 (22 minutos).

13. O jogo é proposto pelo designer estadunidense Jake Parker. No site <www.mrjakeparker.com/inktober> podemos ler as regras:
1) *Make a drawing in ink (you can do a pencil under-drawing if you want).*
2) *Post it online*
3) *Hashtag it with #inktober and #inktober2016*
4) *Repeat*
Note: you can do it daily, or go the half-marathon route and post every other day, or just do the 5K and post once a week. Whatever you decide, just be consistent with it. INKtober is about growing and improving and forming positive habits, so the more you're consistent the better.

a personagem era a autora? A isso ela respondeu: “A Cora que eu faço nas tirinhas sou eu, mas eu dou uma exagerada nas coisas. Mas não é falso. Eu só boto ali coisas em que eu acredito. Nunca vou botar coisas que eu não sustentaria”¹². De certa forma, é uma prática de autoficção, proposta que constituiu tendência na produção literária divulgada na rede na última década.

A publicação se inicia no dia de estreia do evento Inktober de 2016, quando foi feita a primeira de 31 postagens em ritmo diário. Inktober é um evento internacional da rede. Todo mês de outubro os desenhistas são provocados a postar, cada dia, um desenho diferente, feito com materiais concretos (lápiz, tinta, pincel, caneta, pena sobre papel) e não com computadores. O desenhista deve postar a foto da obra junto dos materiais que usou. Para quem se acha criativamente bloqueado, o organizador cria uma lista com temas diários. A rede compartilha as postagens em redes como Facebook, Twitter e Instagram e o organizador, acompanhando as postagens pela hashtag #inktober, seleciona os melhores do dia e posta em sua página.¹³

O desafio representou em sua vida a injunção social para praticar a escrita diária, tal como nos diários íntimos. Foi decisão dela, uma vez que a postagem era diária, retratar-se, a cada dia, no ato de cumprir o combinado. Assim, nessas primeiras tiras, é comum a personagem sentir-se feliz num dia, porque fez a tira rápido, preocupada no outro, porque a ideia demora a aparecer, e derrotada num terceiro, quando a preguiça chegou e a tira não saiu (mas, dessa forma, saiu). O sentimento de culpa e a descoberta dos “ossos do ofício” de quadrinista também são retratados. Suas unhas ficam pretas de nanquim, o desenho fica borrado, a suéter mancha, tudo acontece. E tudo é registrado. Cora nunca tinha feito isso antes. Conseguiu cumprir as 31 postagens e diz que “foi um exercício criativo importantíssimo” forçar-se a criar quadrinhos uma vez por dia, tanto que deu origem ao trabalho que faz hoje e que está tendo mais retorno do público (em relação a uma série puramente ficcional da qual ela publicou o primeiro número, “Os zeladores do tempo”). Sua hipótese é de que, por serem quadrinhos do cotidiano, os leitores se identificam mais, comentam

e compartilham. De fato, nos comentários dos seguidores de seus posts, muitas vezes encontrei expressões como “me identifiquei completamente” e “essa aí sou eu”.

Ainda que seja um índice muito sujeito a circunstâncias, pode-se considerar como base para efeito de análise o número de “likes” de todas as 84 postagens e as respostas mais positivas que foram dadas¹⁴: a) à tira da “Cora da vida real” mostrada na figura 7 (84 “likes” no Facebook e 230 no Instagram), b) a uma tira em que se falava da vocação de desenhista da Cora infantil sendo bem-sucedida com a Cora adulta (100 “likes” no Facebook e 221 no Instagram) e, com destaque, c) a uma tira que retrata comicamente a busca de recuperar sua autoestima (78 “likes” no Facebook e 305 no Instagram). Os números de compartilhamento dessas tiras também foram destaque. Nossa interpretação é que essas postagens servem para os seguidores estabelecerem uma posição. Ao mesmo tempo apoiam a autora e tomam a postagem como um marco significativo para suas próprias timelines.¹⁵

A fim de realizar um breve mapeamento dos temas das tirinhas, chegamos aos seguintes “ansiedade”, “perrengue”, “uso do tempo”, “infantilidades”, “beber”, “beijar”, “autoavaliação”, “preguiça”, “esquecimentos”, “enturmar-se” e “paixonites”. Além desses, as três tiras retratando “vovó Cora”, a projeção da autora no futuro, sugerem que os temas giram em torno de agitações existenciais juvenis.

Também foram destacadas as representações emocionais da personagem Cora no quadrinho final de cada piada, a fim de procurar identificar o tom da obra. A expressão com que a Cora dos quadrinhos fecha a maioria das piadas foi de felicidade ou alegria (21 vezes), pouco mais do que a expressão aborrecida (18 vezes). Expressões de ansiedade, vergonha e medo, somadas, fecharam 13 piadas. Seis vezes a expressão final foi triste. A observação parece indicar que a autora, que disse “se zoar” comumente nas tiras – e as tiras “aborrecidas” demonstram

isso melhor – está usando as histórias em quadrinhos mais para celebrar suas emoções do que para racionalizar alguma coisa. E isso deve sustentar o efeito que as tiras têm nos seguidores.

Após o fim da temporada de Inktober, a autora decidiu continuar fazendo as tiras da personagem autobiográfica e postar da mesma forma, fotografando as artes. Segundo a artista, era mais prático do que escanear, além de dar “um charme”, ficar mais bonito. As artes são feitas todas nas páginas de um *sketchbook* (livro em branco, com papel de qualidade, para desenhar). Cora tem dois *sketchbooks*: um para fazer desenhos de observação, esboços e anotar as ideias de quadrinhos; outro, para executar as artes-finais. No evento Lady’s Comics (2016), em São Paulo, estava promovendo a venda da revista *Zeladores do Tempo*, mas suas tiras ainda não estavam editadas. Ela deixou o *sketchbook* aberto na mesa e o caderno chamava a atenção das pessoas. Cora passou a oferecê-lo para os passantes folhearem e ficarem conhecendo a personagem.

14. “Like” é o termo equivalente a “curtida” e denomina a ação do leitor em aprovação à postagem. Segundo o Glossário de Redes Sociais do site Marketing de Conteúdo, “é usado quando o usuário gosta ou simpatiza com a postagem marcada. No Facebook é sinalizado por uma mão fechada com o polegar para cima, enquanto que no Instagram o seu símbolo é um coração.” (RIBEIRO, 2018).

15. “Timeline” é o termo que denomina a lista de postagens disponibilizada pelos sites de redes sociais para a leitura de cada usuário. Segundo o Glossário de Redes Sociais do site Marketing de Conteúdo, é o mesmo que “linha do tempo” e “indica a organização cronológica de postagens em redes sociais dispostas para visualização do usuário.” (RIBEIRO, 2018).



Figura 9. Tira feita no *sketchbook* e postada em 6/12/2016 no Facebook. Fonte: <https://www.facebook.com/ottonicora/>

16. Por sua vez, Reno foi indicado pelo quadrinista carioca Pedro Alvarez, autor de um fanzine autobiográfico.

Diários, agendas escolares, fotografias, boletins, cartas, cartões-postais, certificados e carteirinhas, todo esse suporte material de dados e expressões pessoais costuma ser tratado como relíquia digna de passar de uma geração a outra. A história de Cora Ottoni sugere que devemos acrescentar mais um item a essa cultura: o *sketchbook*.

Em concordância com o que caracteriza as expressões culturais juvenis, Cora afirma que faz as tiras, primeiro, para si:

Porque acaba sendo o meu cotidiano, sabe? Se eu tento fazer para os outros, eu posso até achar uma ideia que os outros vão gostar, mas aí não vai ser uma coisa que combine comigo, então não vou fazer. Porque as tirinhas são mais pra mim do que pra qualquer outra pessoa, sabe?

Além disso, não se preocupa demais com a exposição de seus pensamentos e ações, porque, a princípio, ela mesma já se ridiculariza. Portanto, diminui o risco de ser socialmente censurada, apreensão que costuma regular o que os jovens exibem ou escondem na rede (WINOCUR, 2011). A única preocupação seria, pelo contrário, atacar alguém com a piada: “se isso der problema depois, eu vou ter que encarar. Mas ainda não aconteceu”.

Perguntada se essa exposição, neste caso, lhe faz bem, a quadrinista confirmou:

Acho que colocar ali uma coisa que mexeu comigo me faz bem, porque, assim, eu botei pra fora. Eu não faço diário, eu não gosto de ficar escrevendo sobre o que me aconteceu, eu não faço essas coisas. Então, o meu diário são as minhas tiras, os meus quadrinhos (grifo nosso).

Considerações finais

As culturas juvenis se caracterizam pelo aspecto gregário (PAIS, 1993). Entre os jovens quadrinistas entrevistados, é comum ler os trabalhos de outros autores com quem se identificam, sendo que os trabalhos autobiográficos e do cotidiano

são os preferidos. De fato, foi em feiras de quadrinhos que conseguimos indicação de autores de tiras autobiográficas, pois uns faziam referência ao trabalho de outros. Somente Reno disse não se relacionar com outros desenhistas, nem pela rede¹⁶. Fernanda diz ler Will Leite e Cora se prontificou a indicar outras artistas que seguem a mesma linha. Esses relacionamentos podem ser explicados pelo fato de esses artistas serem jovens, mas também porque são artistas, e artistas historicamente formam redes profissionais (BECKER, 1977).

A origem do hábito de escrever diários está nas práticas disciplinares que concorrem para a formação do indivíduo moderno. Militares e clérigos estão entre os primeiros divulgadores dos benefícios de manter registro escrito das atividades diárias, sejam importantes ou não. Isso ajuda a otimizar o aproveitamento do tempo do jovem e o dissuade, de acordo com os manuais antigos que procuravam controlar o furor juvenil, de atitudes impensadas e de repetição de erros. É considerado terapêutico:

Manter um diário é também disciplina de interiorização; deposita-se sobre o papel a discreta confissão. A escritura permite a análise da culpabilidade íntima, registra tanto os fracassos da sexualidade como o sufocante sentimento da incapacidade de agir; repisa as resoluções secretas (CORBIN, 2009, p.428).

O trecho faz lembrar algumas das tiras de Will Leite, o “pior namorado do mundo”, quando o personagem faz planos para o encontro da noite e põe todas as promessas a perder.

A exposição pública da vida pessoal não é novidade entre escritores e quadrinistas. É de se esperar que um jovem quadrinista, quando produz tiras sobre sua própria vida, controle o resultado, até certo ponto, como qualquer artista.

Como observou Rosalía Winocur na Cidade do México, os jovens da atualidade normalmente já têm discernimento para decidir o que publicam e o que escondem de sua vida nas redes sociais: “a decisão de comunicar ou não o que se sente pode ser tomada a qualquer momento” (WINOCUR, 2011, p. 185). Eles já editam suas postagens pessoais como o artista controla sua obra autobiográfica. Publicar é estar no mundo de uma maneira construída. Para eles, “o público representa aquilo que se deseja que os outros saibam” e o íntimo são “os verdadeiros motivos” daquela performance (WINOCUR, 2011, p. 189). Ao longo do amadurecimento, esses jovens se dão o direito de ampliar ou reduzir os espaços íntimos/privados e públicos da sua realidade. Os quadrinistas autobiográficos parecem estar no controle das dimensões desses espaços, cada um com sua opção momentânea. Reno diz que, na intimidade de seu quarto, fala em voz alta suas formulações filosóficas e não vê problema em repeti-las no espaço público da tira. De agora em diante, no entanto, ele prefere o silêncio. Alguns quadrinistas são mais ousados e expõem intimidades que podem ser objeto de estigmatização social, algo que os jovens pesquisados por Winocur costumam conservar na esfera íntima por medo do desprezo e do isolamento. Outros, apesar de desejarem o contato com os leitores, evitam confusões com a vida pessoal, o que pode ser resolvido nas respostas aos comentários das postagens. Fernanda Nia parece ter um recurso particular para tratar disso: todas as suas tiras são acompanhadas por um comentário da autora em texto, desenvolvendo o assunto da piada. Assim, separa-se Niazinha, que vive no universo das tiras, de Fernanda, a autora, que se apresenta num plano mais real.

De qualquer forma, a arte das webtiras autobiográficas configura o encontro da atividade criativa dos quadrinhos, que já tem uma tradição, com a atividade juvenil da escrita de si em disciplinados diários,

substituídos em parte pela publicação em blogs e pelas postagens quotidianas, mais – ou menos – pessoais, nas redes sociais. Quanto ao diário como elemento da cultura material, foi, no âmbito deste estudo, substituído pelo *sketchbook*.

Referências

- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, v.11, n.21, p. 9-34, 1998.
- AZEVEDO, Luciene A. Autoficção e literatura contemporânea. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 12, p. 31 – 49, 2008.
- BECKER, Howard. Arte como ação coletiva. In: BECKER, Howard. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 205-222.
- BERLIN, Isaiah. *As raízes do romantismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CLARKE, John et al. Subcultures, cultures and class: a theoretical overview. In: HALL, Stuart, JEFFERSON, Tony (eds.). *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain*. Routledge, 2006.
- CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle (org.). *História da Vida Privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CUNHA, Maria Teresa S. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. *Revista Patrimônio e Memória*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, p. 45-62, 2007.
- FREIRE FILHO, João. Em cartaz, as garotas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência feminina na revista *Capricho*. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos*, Vol. VIII, n. 2, maio/ago., p.106-111, 2006.
- HEBDIDGE, Dick. *Subculture: the meaning of style*. London and New York: Routledge, 2008.
- HODKINSON, Paul. Youth cultures: a critical outline of key debates. In: HODKINSON, Paul; DEICKE, Wolfgang (eds.). *Youth cultures: scenes, subcultures and tribes*. New York and

London: Routledge, 2007.

KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 12, p. 11-30, 2008.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: INCM, 1993.

PEKAR, Harvey. *American Splendor*, Cleveland, Harvey Pekar, n. 1, 1976.

RIBEIRO, Laura. *Glossário de Redes Sociais: 176 termos de Social Media que você precisa conhecer!*. Marketing de Conteúdo [SITE] 2018. Disponível em <https://marketingdeconteudo.com/glossario-de-redes-sociais/> Acesso em: 29 ago. 2018.

SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

THOMPSON, Craig. *Retalhos: um romance ilustrado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WINOCUR, Rosalía. O lugar da intimidade nas práticas de sociabilidade dos jovens. *Matrizes*, São Paulo, ECA-USP, vol. 5, n.1, p. 179-193, jul.-dez. 2011.

WITEK, Joseph. *Comic books as history: the narrative art of Jack Jackson, Art Spiegelman and Harvey Pekar*. Jackson: University Press of Mississippi, 1989.

Sites dos artistas:

Cora Ottoni:

<https://www.facebook.com/ottonicora/>

Fernanda Nia:

<http://www.comoeurealmente.com>

Sirlanney:

<https://www.facebook.com/sirlanneynogueira/>

Reno:

<https://www.facebook.com/LinhasTremidas/>

e <http://linhastremidas.tumblr.com>

Will Leite:

<http://www.willtirando.com.br>